

A forma perifrástica *ainda mais*: uma descrição discursivo-funcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i2.2377>

Michel Gustavo Fontes¹

Resumo

Com base no modelo teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), este artigo descreve a estrutura composicional e o funcionamento discursivo da forma perifrástica *ainda mais*. A partir de ocorrências reais de uso do português contemporâneo, extraídas do *Cópus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), o objetivo é mapear propriedades funcionais e formais que subjazem ao uso de *ainda mais*. Os resultados revelam que *ainda mais*, enquanto forma fixa do português, constitui uma partícula escalar absoluta (SCHWENTER, 2000); no âmbito da GDF, *ainda mais* corresponde a um primitivo gramatical do Nível Interpessoal, especificamente função (pragmática) Contraste Seletivo (cf. DIK, 1997a; PEZATTI, 2014), com escopo sobre o Subato ou sobre o Conteúdo Comunicado.

Palavras-chave: Gramática Discursivo-Funcional; forma fixa; focalização; escalaridade.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; michelgfontes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2376-8648>

The periphrastic form *ainda mais*: a functional discourse description

Abstract

This paper proposes a Functional Discourse Grammar analysis of the periphrasis *ainda mais* that reflects its communicative functions, its internal constituent structure and its lexical-grammatical status. Based on real occurrences of contemporary Portuguese taken from *Cópus do Português* (Davies; Ferreira, 2006), the aim here is to describe functional and formal properties underlying the use of *ainda mais*. The results show that *ainda mais*, as a fixed form, can be taken as an absolute scalar particle (Schwenter, 2000) and, in FDG terms, corresponds to a single grammatical primitive in the Interpersonal Level, specifically a Selecting Contrast pragmatic function that applies, in terms of scope relations, to Subacts and to Communicated Contents.

Keywords: Functional Discourse Grammar; fixed form; focus particle; scalarity.

Considerações iniciais

Este artigo busca construir uma descrição, amparada no modelo teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), da forma perifrástica *ainda mais* (cf. (1)). A análise aqui apresentada deseja, especificamente, precisar seu funcionamento discursivo, sua constituição estrutural interna e seu estatuto léxico-gramatical no português contemporâneo.

(1) Ele sabe como proceder, Dindinha. Como a senhora disse, isto aqui não é Olinda. ***Ainda mais pra ele que é de pouco falar.***
(19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos)

É, portanto, objetivo central deste trabalho mapear as propriedades funcionais e formais subjacentes ao uso de *ainda mais* de modo a oferecer uma representação, no interior da GDF, dessa forma.

O modelo da GDF organiza-se a partir do reconhecimento de duas operações interatuantes na produção de uma expressão linguística (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008): *formulação* (responsável por converter representações conceituais em representações pragmáticas e semânticas) e *codificação* (responsável por dar forma a representações pragmáticas e semânticas por meio de estruturas morfossintáticas e fonológicas). Partindo desse *modus operandi* do modelo, este trabalho define sua metodologia de análise da seguinte maneira:

- (i) por *propriedades funcionais*, são compreendidos os aspectos semântico-pragmáticos que motivam o uso de *ainda mais* na formulação de uma expressão linguística; nesse sentido, a análise se centra na determinação (a) dos significados discursivos veiculados pelo uso de *ainda mais* e (b) das relações de escopo contraídas por tal forma, em termos de níveis (Interpessoal ou Representacional) e camadas da GDF;
- (ii) *propriedades formais*, por sua vez, fazem referência aos traços morfossintáticos associados à codificação de *ainda mais* no interior de um enunciado linguístico; assim, busca-se: (a) caracterizar a constituição estrutural interna da forma *ainda mais*, apurando, para tanto, seu grau de *composicionalidade* (cf. BYBEE, 2010); (b) precisar seu estatuto léxico-gramatical; e, por fim, (c) representar tal forma no interior do Nível Morfossintático, examinando seu domínio morfossintático de codificação (se Sintagma, Oração ou Expressão Linguística) e sua ordenação.

Para tanto, tomam-se, como universo de investigação, ocorrências da forma *ainda mais* retiradas a partir do *Corpus* do Português, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira, e disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>. Duas opções metodológicas precisam, aqui, ser esclarecidas: (i) recorta-se a análise às cem primeiras ocorrências de *ainda mais* do século XX geradas pelo sistema do *Corpus* do Português; (ii) a análise segue uma perspectiva qualitativa, preocupando-se, essencialmente, com o mapeamento de propriedades funcionais (em termos de unidades pragmáticas e semânticas) e formais (em termos de unidades morfossintáticas) subjacentes ao uso de *ainda mais*. Tais recortes se justificam pela própria concepção de gramática da GDF: a GDF preocupa-se com fenômenos linguísticos formalmente codificados nas línguas, independente de sua produtividade no sistema linguístico, ou seja, para a GDF, se um determinado fato ou fenômeno linguístico ocorre numa língua, ele, independente de sua frequência de ocorrência, integra o inventário dessa língua.

Este artigo se estrutura em quatro seções. A primeira, de caráter mais teórico, apresenta, sucintamente, o modelo da GDF. As duas seguintes trazem a descrição do objeto de análise: uma apresenta os aspectos discursivos subjacentes ao uso da forma perifrástica *ainda mais*, e a outra caracteriza sua estrutura interna (precisando seu grau de fixação) e seu estatuto categorial (léxico-gramatical). A última seção abriga o resultado central do artigo: a partir do mapeamento de propriedades funcionais e formais, oferece-se uma representação de *ainda mais* no interior da GDF, tendo em vista seus níveis e camadas. As considerações finais encerram o trabalho.

A Gramática Discursivo-Funcional

Hengeveld e Mackenzie (2012) definem a GDF como uma teoria estrutural-funcional de gramática: enquanto “modelo de intenções e conceitualizações codificadas” (HENGEVELD, 2004, p. 366). A GDF lida somente com fenômenos formalmente codificados (morfofossintática e/ou fonologicamente) nas línguas, sejam eles determinados por questões pragmáticas e/ou semânticas, sejam eles arbitrários, portando propriedades inerentemente formais (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2012). Sua postura funcionalmente motivada faz com que se prime pela busca de correspondências sistemáticas entre significado/função e forma; somente quando não se pode sistematizar ou regularizar tais correlações é que se toma a arbitrariedade para a descrição.

A GDF corresponde ao Componente Gramatical de uma teoria mais geral da interação verbal e, assim, articula-se a três componentes não verbais: o Componente Conceitual (onde se desenvolvem a intenção comunicativa do Falante e as conceitualizações relativas ao evento comunicativo), o Componente Contextual (que abriga informações a respeito do contexto comunicativo em que é produzida uma expressão linguística) e o Componente de Saída (responsável por gerar expressões acústicas, simbólicas ou ortográficas com base nas informações provenientes do Componente Gramatical).

A partir das operações de formulação e de codificação, modela-se o Componente Gramatical (a GDF propriamente dita) em quatro níveis: enquanto a formulação dá sustentação aos níveis Interpessoal e Representacional, a codificação ampara os níveis Morfofossintático e Fonológico. Esses níveis se organizam, no interior da GDF, numa direção *descendente* (ou *top-down*): concebe-se a produção de uma expressão linguística como uma operação de cima para baixo, de modo que as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística.

Cada um dos níveis que organizam a GDF é concebido como um módulo separado e internamente estruturado em camadas hierarquicamente organizadas. O esquema em (2) traz uma representação mais geral e abstrata dos níveis: a variável v_1 corresponde à camada relevante restringida por um núcleo que a toma como seu argumento; cada nível pode ainda fazer uso de um conjunto de primitivos (blocos construtores combinados conforme as regras de formulação e de codificação da gramática de uma língua). Dessa forma, os níveis da GDF podem ser restringidos por um *núcleo* ou por um *modificador* (σ), podem ser especificados por um *operador* (π) ou por um *operador lexical* (cf. KEIZER, 2007) e podem também conter uma *função* (Φ).

$$(2) (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_{\Phi}]: [\sigma (v_1)_{\Phi}])$$

O Nível Interpessoal distingue estratégias linguísticas que gerenciam o modo como falante e ouvinte interagem entre si, isto é, aborda aspectos formalmente codificados que, de alguma maneira, refletem o papel de uma unidade linguística dentro da interação, seja em termos retóricos (o modo como os componentes de um discurso são estruturados para atingir a estratégia comunicativa do falante e, assim, influenciar, de alguma maneira, o ouvinte), seja em termos pragmáticos (o modo pelo qual o falante sinaliza as suas expectativas em relação ao estado mental do ouvinte). A formalização em (3) revela a organização interna do Nível Interpessoal: o *Movimento* (M), camada mais alta dentro desse nível, contém um (ou mais) *Ato Discursivo* (A); o *Ato Discursivo*, por sua vez, contém *Ilocução* (F), *Participantes* (P) – *Falante* ((P₁)_S) e *Ouvinte* ((P₂)_A) – e *Conteúdo Comunicado* (C), que pode conter *Subatos de Referência* (R) ou de *Atribuição* (T).

$$(3) (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{(F)} \dots (T_{1+N})_{(F)} (R_1)_{(F)}] (C_1)_{(F)})] (A_1) \dots (A_{1+N})_{(F)}] (M_1))$$

O Nível Representacional descreve unidades linguísticas em termos de categoria semântica, trabalhando, portanto, com os aspectos denotativos das expressões linguísticas. Conforme representação em (4), esse nível distingue camadas em termos de entidade (ou categorias) semânticas que elas designam: Conteúdos Proposicionais (p) são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (ep), que são conjuntos de estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); já Estados-de-coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um Estado-de-coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

$$(4) (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)^n(x_1)_{(f)} \dots (x_{1+n})_{(f)}] (f_1)) \dots (f_{1+n})_{(f)}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{(f)}] (p_1))$$

O Nível Morfossintático, por sua vez, compreende a codificação morfossintática, e sua tarefa é, portanto, amalgamar o duplo *input* vindo dos níveis da formulação (Interpessoal e Representacional) numa representação estrutural que, no Nível Fonológico, será convertida num construto fonológico. O esquema em (5) revela que a estruturação interna desse nível reconhece uma camada hierarquicamente superior, a Expressão Linguística (Le), que abriga qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; se houver mais de uma unidade dentro da Le, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam para formar a Le são: Orações (Cl), Sintagmas (Xp) ou Palavras (Xw).

$$(5) (Le_1: [Cl_1: [(Xw) (Xp_1: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1))] (Le_1))$$

Propriedades funcionais de *ainda mais*

O ponto de partida deste trabalho é considerar, com base em Schwenter (2000), que a forma perifrástica *ainda mais* corresponde a uma *partícula escalar absoluta*. Tomar a *escalaridade* como propriedade pragmático-discursiva básica do uso de *ainda mais* implica conceber tal forma como mecanismo associado à estrutura informacional de um enunciado, mais especificamente à operação de *focalização* (cf. KÖNIG, 1991; DIK, 1997a; ILARI, 2002). Nesse sentido, esta seção procura desenvolver tal defesa a partir da descrição (i) do modo como *ainda mais* opera *focalização* no interior do enunciado em que ocorre (cf. KÖNIG, 1991; DIK, 1997a) e (ii) do modo como a focalização operada por *ainda mais* implica um significado *escalar absoluto* (cf. SCHWENTER, 2000).

Um primeiro aspecto a se considerar é que *ainda mais* constitui um expediente formal que reflete o papel de uma unidade linguística no interior da interação verbal, isto é, *ainda mais* constitui, conforme se observa com as ocorrências em (6) e (7), um mecanismo linguístico usado pelo falante para modelar e organizar sua mensagem tendo em vista suas expectativas em relação ao estado mental do ouvinte e também em relação ao modo como a mensagem influenciará a informação pragmática do ouvinte.

(6) Ter pobres na África, na América Latina, na Ásia - ***ainda mais pobres analfabetos*** - infelizmente, é uma forma de reforçar a dominação do atual modelo econômico-político. (190r:Br:Intrv:Web)

(7) Aquela segunda visão me fez lembrar da carta que o psiquiatra me entregara. Eu já tinha adiado ao máximo. Não podia estender mais aquela espera, ***ainda mais se o tumor estivesse se manifestando***. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

Em (6) e (7), *ainda mais* materializa a seleção, operada pelo falante, de uma porção correta de informação, a partir de uma gama de possibilidades, para preencher a informação pragmática do ouvinte: em (6), *ainda mais* recorta, a partir do conjunto de *pobres na África, na América, na Ásia*, a parte específica de *pobres analfabetos*, reduzindo, assim, a abrangência referencial do sintagma *pobres na África, na América Latina, na Ásia*; já em (7), do conjunto de condições que poderiam levar o falante a *não poder estender mais a espera*, *ainda mais* assinala a seleção estratégica da condição de *o tumor estar se manifestando*. Nesse último caso, fica implicado um conjunto de possíveis condições que poderiam afetar a realização do evento anterior; desse conjunto implicado, o falante, por meio do uso de *ainda mais*, seleciona uma condição específica para a consideração do ouvinte.

Articulando essas considerações às propostas de Ilari (2002) e de König (1991), é possível precisar melhor o modo como *ainda mais* opera *focalização*. Segundo Ilari (2002), uma descrição de advérbios focalizadores deve levar em conta três aspectos: (i) sua aplicabilidade a um segmento da oração; (ii) a explicitação de que esse segmento proporciona informação mais exata que a média do texto, em decorrência de uma operação prévia de verificação; (iii) o estabelecimento de uma comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto. Ao compatibilizar tais questões ao uso da forma perifrástica *ainda mais* em (6) e (7), observa-se que:

- (a) em relação a (i), *ainda mais*, por não ser um advérbio, mas sim uma partícula (cf. BAAR, 1996), não só se aplica a segmentos ou constituintes da oração (cf. (6)), mas também à oração/sentença como um todo (cf. (7)), isto é, *ainda mais* não só opera casos de Foco estreito, mas também casos de Foco amplo, cujo escopo está sobre mais de um constituinte ou sobre a sentença como um todo;
- (b) em relação a (ii), *ainda mais* formaliza a seleção, operada pelo falante, de informações mais corretas e exatas para preencher a informação pragmática de seu ouvinte;
- (c) em relação a (iii), *ainda mais* instaura uma comparação ou um contraste implícito com um modelo recuperável no co(n)texto. Em (6), por exemplo, *pobres analfabetos* contrasta com o conjunto de *pobres na África, na América Latina, na Ásia*, informação disponível anteriormente no texto, isto é, no próprio cotexto. Em (7), por outro lado, a condição de *o tumor estar se manifestando* contrasta com um conjunto de outras condições possíveis que ficam implícitas no contexto.

Para König (1991), partículas ou expressões focalizadoras delimitam o foco de uma sentença e, além disso, quantificam sobre um conjunto de alternativas (agregadas ao valor do foco sentencial). Na ocorrência em (8), por exemplo, *ainda mais* assinala a seleção da circunstância de *estar desfigurado* para justificar a dificuldade em *ver suas feições*; essa seleção é feita a partir de um conjunto de circunstâncias que, naquele contexto, ficam implicadas, sendo uma delas o fato de *ele estar numa sala fria e escura*. Dessa forma, podemos dizer que, em (8), *ainda mais* identifica, como foco da sentença, a proposição causal *estar desfigurado* e, ao mesmo tempo, a interação entre a partícula focal e seu escopo não só assevera (9), mas também implica (10), permitindo a substituição da informação focal por um quantificador como *alguma outra circunstância além de β* .

(8) Quando o encontrei pela primeira vez, ele estava numa sala fria e escura, o que dificultava ver suas feições, ***ainda mais por estar desfigurado***. Não sei se teria ido em frente se tivesse visto seu rosto da primeira vez. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

(9) *Estar desfigurado* dificultava ver suas feições.

(10) *Alguma outra circunstância além de estar desfigurado* dificultava ver suas feições.

De acordo com König (1991, p. 33, tradução nossa), partículas focais “podem incluir ou excluir as alternativas como valores possíveis para a sentença aberta sob seu escopo.” No caso de *ainda mais*, pode-se dizer que essa forma opera uma inclusão de alternativa(s) como valor(es) possível(is) para a variável focalizada, o que permite categorizar *ainda mais* como uma *partícula aditiva*: ela faz pressupor que “há um valor alternativo em consideração que satisfaz a sentença aberta sob escopo da partícula” (KÖNIG, 1991, p. 53, tradução nossa).

Nesse sentido, e ainda seguindo König (1991), *ainda mais* seleciona alternativas que são ordenadas, de alguma maneira, em relação ao valor do elemento focal, isto é, instaura uma escala pragmática a partir da qual se seleciona a peça de informação de maior relevo, destaque ou importância em comparação a alternativas ali implicadas. As ocorrências em (11) e (12) permitem visualizar essa segunda propriedade pragmática associada ao uso de *ainda mais*: a *escalaridade*.

(11) precisa praticar esporte precisa - precisa é necessário é - é fundamental o esporte né? ***ainda mais nessa fase de adolescência*** - mas - ele - eu tenho - - certeza de que ele - ao entrar no colegial - e pensando num colegial - profissionalizante que tenha aquilo que o atraia que são as máquinas ele vai se esquecer da outra profissão que ele pretende ter sabe? (19:Or:Br:LF:SP)

(12) Não ia querer que alguém testemunhasse aquela impostura de clara aparência criminosa, ***ainda mais se tratando a vítima de uma milionária***. Foi o que primeiro eu pensei, antes de fazer o raciocínio inverso, e igualmente verossímil. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

Em (11), por exemplo, fica implicado o conjunto de fases por que passa um ser humano (*infância, fase adulta*, por exemplo), e *ainda mais* seleciona a fase de maior relevância (*a adolescência*) em que é fundamental a prática de um esporte. Já em (12), entre as tantas circunstâncias que justificam a declaração de *não querer que alguém testemunhasse aquela impostura de clara aparência criminosa*, a de *a vítima se tratar de uma milionária* é a que figura com especial importância e maior proeminência naquele cenário comunicativo.

O tratamento dispensado por Schwenter (2000) em relação às partículas do espanhol *incluso* (cf. (13)) e *hasta* (cf. (14)) ajudam a precisar melhor o significado escalar

subjacente ao uso de *ainda mais*. Segundo o autor, dois significados se associam ao uso de *incluso* e *hasta*: (i) *aditivo* – as duas partículas implicam que outros estudantes, além de Sara, também foram à aula; (ii) *escalar* – ambas partículas situam Sara em uma posição superior no interior de uma escala que ordena os alunos de acordo com a (im) probabilidade de *irem à aula*. Trata-se, conforme denomina o autor, de partículas aditivas escalares.

(13) *Incluso* Sara vino a classe hoy. (SCHWENTER, 2000, p. 170)

(14) *Hasta* Sara vino a classe hoy. (SCHWENTER, 2000, p. 170)

A distinção entre *incluso* e *hasta* recai sobre os diferentes graus de força escalar que elas expressam: enquanto *incluso* não assinala um ponto fixo na escala pragmática, isto é, não situa Sara no ponto final da escala que ordena os alunos conforme probabilidade de *irem à aula*, *hasta*, ao contrário, marca, necessariamente, um ponto final na escala pragmática, isto é, localiza Sara no ponto final e extremo da escala que ordena os alunos conforme probabilidade de *irem à aula*. Schwenter (2000) classifica, então, *incluso* como uma *partícula escalar relativa*, e *hasta* como uma *partícula escalar absoluta*.

Partindo dessa proposta de Schwenter (2000), pode-se analisar *ainda mais* como *partícula escalar absoluta*. Para melhor visualizar essa proposta de análise, analisa-se a ocorrência disposta em (15).

(15) Parece que discutiam a possibilidade de vender o próprio corpo. As duas defendiam, rindo, a idéia de que tudo na vida depende da oferta, "**ainda mais quando a coisa aperta**". O armador aposentado garantia que não hesitaria nem um minuto em vender o seu, no caso de necessidade e, é lógico, se alguém ainda se dispusesse a comprá-lo. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

A ocorrência de *ainda mais* em (15) pode ser descrita da seguinte maneira:

- (i) em relação ao valor aditivo, o uso de *ainda mais* implica que outras circunstâncias temporais, além da de *a coisa apertar*, podem afetar a ocorrência do fato de *a vida depender da oferta*, isto é, ao delimitar o foco da expressão linguística (no caso a circunstância temporal de *a coisa apertar*), *ainda mais* implica uma escala pragmática que ordena possíveis circunstâncias que afetariam a ocorrência do fato de *a vida depender da oferta*;

(ii) já em relação a sua natureza escalar, *ainda mais* situa a circunstância temporal de *a coisa apertar* em um ponto mais elevado dessa escala pragmática. De fato, *ainda mais* localiza a circunstância temporal de *a coisa apertar* em um ponto final (extremo e mais superior) dentro da escala que ordena possíveis circunstâncias que afetariam a ocorrência do fato de *a vida depender da oferta*. Assim, nos termos de Schwenter (2000), *ainda mais* pode ser tomada como uma *partícula escalar absoluta*.

Em suma, em relação às propriedades funcionais de *ainda mais*, é importante destacar: (i) sua propriedade focalizadora, que, salientando partes de informação da mensagem, opera, por parte do falante, a seleção de informações mais exatas para integrar a informação pragmática do ouvinte e também implica um contraste com um modelo recuperável no co(n)texto; (ii) seu significado escalar absoluto, que seleciona uma variável focal como elemento de maior peso comunicativo dentro de uma escala pragmática que fica implicada no contexto de interação.

Propriedades formais de *ainda mais*

Esta seção procura caracterizar a forma *ainda mais* em termos de grau de fixação em sua constituição estrutural interna e de estatuto léxico-gramatical.

Carballo (1998) afirma que a fixação de certas combinações de palavras pode ser compreendida como algo estabelecido que o falante armazena e tende a reproduzir sem o decompor em seus elementos constituintes. Tal consideração leva a considerar a *composicionalidade* como parâmetro central para se aferir o grau de fixação da forma perifrástica *ainda mais*.

Esse posicionamento encontra respaldo em Brinton e Traugott (2005), para quem a fusão de uma estrutura complexa (uma combinação de palavras) em uma unidade simples envolve reanálise de fronteiras morfossintáticas e idiomatização semântico-pragmática, isto é, perda de composicionalidade. Este trabalho, então, compreende *composicionalidade* de acordo com Bybee (2010, p. 45, tradução nossa): “refere-se ao grau de previsibilidade do significado do todo a partir do significado das partes componentes” (BYBEE, 2010, p. 45). De modo a mensurar o grau de composicionalidade da forma *ainda mais*, contrapõem-se as ocorrências (16) e (17).

(16) Tenho pretensão de entrar mais sério em áreas que Roberto deu destaque total, inclusive **investir *ainda mais***, como em educação de trânsito e na área da informática. Sem elas funcionando a pleno vapor, não se tem um resultado positivo. (19Or:Br:Intrv:Com)

(17) Querida, o homem disse, como se não se importasse com aquilo, é o rapaz da revista, mas ela não respondia, você precisa cuidar da sua carreira, ele disse **ainda mais agora que eu tenho que ir**, mas ela não se movia, diga onde está que eu entrego a ele, mas ela continuava sem responder, imóvel na poltrona verde. (19:Fic:Br:Abreu:Onde)

Em (16), ocorrência em que *ainda* é usado no contexto de uma construção comparativa, nota-se uma combinação altamente composicional entre *ainda* e *mais*: *ainda* enfatiza a graduação expressa por *mais*, de modo que as fronteiras morfossintáticas desses dois constituintes estão preservadas e o significado da construção como um todo se sustenta a partir da contribuição dos significados individuais dos dois constituintes. Em (17), por outro lado, a combinação entre *ainda* e *mais* é não-composicional: *ainda mais*, no sentido de *principalmente*, opera a seleção de uma informação mais precisa que outras (implícitas naquele contexto); nota-se, assim, que *ainda* e *mais* não mais preservam suas fronteiras morfossintáticas individuais (o que aponta para a reanálise morfossintática da estrutura) e o significado da construção como um todo não mais prediz os significados básicos dos itens individuais que a compõem, isto é, não mais se preservam os significados originais dos itens que estão em sua base, convencionalizando-se um novo significado à construção (o que aponta para a idiomatização semântico-pragmática dessa forma).

Há outros aspectos formais que ajudam a precisar a fixação da forma perifrástica *ainda mais*. Primeiro, as alterações em (18) mostram que, ao retirar ou elidir algum constituinte da forma *ainda mais*, não mais se sustentam os significados aditivo e escalar, não gerando, além disso, enunciados bem formados.

(18) Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, **ainda mais num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse**. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, **mais num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse**.

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, **ainda num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse**.

Em segundo lugar, as alterações em (19) mostram que a ordenação dos constituintes da forma *ainda mais* não pode ser modificada e que seus componentes não podem também ser substituídos por qualquer elemento de valor semelhante.

(19) Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***ainda mais num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.*** (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***mais ainda num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.***

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***ainda muito num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.***

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***ainda menos num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.***

Por fim, as paráfrases em (20) revelam que modificadores ou operadores, como *bem* e *muito*, não podem intervir no interior da forma *ainda mais*, escopando algum de seus constituintes (*ainda* ou *mais*).

(20) Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***ainda mais num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.*** (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***ainda bem mais num momento em que tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.***

*Ele não teria por que se envergonhar se estivesse louco de amor pelo dançarino de butô, ***ainda muito mais num momento em que***

tinha se desprendido de tudo para passar seus últimos dias do jeito que bem entendesse.

Tanto a composicionalidade, enquanto medida semântica, como a impossibilidade de alteração da forma *ainda mais*, enquanto medida mais formal, apontam para (i) a idiomatização semântico-pragmática dessa forma e (ii) a reanálise das fronteiras morfossintáticas de seus constituintes. Trata-se, portanto, de uma *expressão fixa* do português (KEIZER, 2013).

Em relação a seu estatuto categorial, dois traços precisam ser mencionados:

- (i) o baixo grau de autonomia da forma *ainda mais*: entende-se, aqui, como *autonomia* a possibilidade de um item ou forma ocorrer de modo isolado e autônomo de um enunciado (cf. BAAR, 1996). Em (21), por exemplo, a perífrase *ainda bem*, forma que, assim como *ainda mais*, também emerge a partir do esquema *ainda + advérbio*, pode constituir por si só um enunciado, o que revela a possibilidade de tal forma ocorrer isolada de um enunciado e, assim, confere a ela um alto grau de autonomia.

(21) INF1 E tudo correu bem.

INF2 *Ainda bem*. (190r:Pt:Cordial)

(22), por outro lado, mostra que a forma *ainda mais* não pode, por si só, constituir um enunciado ou ocorrer de modo isolado de um enunciado, revelando, assim, que *ainda mais* é uma forma presa e/ou não autônoma.

(22) INF1 E tudo correu bem.

INF2 **Ainda mais*.

Por fim, em (23), é trazido um contexto em que a combinação entre *ainda* e *mais* ocorre em isolamento: trata-se, na verdade, do uso mais composicional de tal combinação, uma vez que se percebe a atribuição de ênfase por *ainda* à palavra de grau *mais*.

(23) A: O João vai investir em propaganda para a empresa.

B: *Ainda mais?*

- (ii) a fixação da posição da forma *ainda mais*: *ainda mais* necessariamente se aloca à esquerda de seu escopo, encabeçando a expressão linguística e fixando sua ordenação na posição inicial, conforme demonstram as ocorrências (24) e (25).

(24) O que você achou de a letra de Homem na Estrada ser lida no Congresso? Será que afetou os deputados? Difícil falar da cabeça dos outros, ***ainda mais esses caras aí***. Não sei o que abala esses caras (19Or:Br:Intrv:Web)

(25) Este, um temperamental, um belo dia cansou de tantos estudos, cálculos, tabelas, orçamentos, índices contraditórios, estatísticas expurgadas e planos mirabolantes, ***ainda mais quando se aproximavam eleições para o Congresso e o seu serviço de informações o advertira da crescente impopularidade do governo***: convocou uma reunião ministerial, exigindo a presença de todos os titulares. (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)

Em síntese, defende-se, em relação a suas propriedades formais, que *ainda mais* é uma expressão fixa e altamente gramatical do português.

Uma representação de *ainda mais* conforme a GDF

A partir do mapeamento das propriedades funcionais e formais subjacentes ao uso de *ainda mais*, pode-se, então, pensar uma representação dessa forma no interior do modelo da GDF.

Deve-se, primeiramente, levar em conta três aspectos acima levantados relativos à forma *ainda mais*: (i) o alto grau de fixação de sua constituição estrutural interna, o que permite caracterizá-la como expressão fixa do português, (ii) seu estatuto altamente gramatical, e (iii) sua natureza interpessoal, captando distinções pragmáticas envolvidas na interação entre falante e ouvinte de duas maneiras: (a) ao assinalar estatuto comunicativo especial a unidades linguísticas em termos de saliência no discurso em curso (cf. KEIZER, 2015), e (b) ao ser usada pelo falante para atingir seus objetivos comunicativos, levando em consideração suas expectativas em relação ao estado mental do ouvinte (cf. HANNAY; HENGEVELD, 2009). Essas três propriedades revelam que *ainda mais*, na GDF, corresponde a um *primitivo* simples, de natureza gramatical, do *Nível Interpessoal*.

Um segundo aspecto a se considerar, nesta seção, é sua natureza relacional: ao operar focalização no interior do enunciado em que ocorre, conforme descrito anteriormente, *ainda mais* figura enquanto estratégia de vinculação pragmática entre unidades de um mesmo domínio interpessoal, podendo articular um Subato a outro disponível no contexto (cf. (26)) ou dois Conteúdos Comunicados (cf. (27)).

(26) -Sinceramente, não posso acreditar que o Aristides fosse maluco e tenha morrido assim, tão de repente. - Todo mundo morre - afirmou a mulher com autoridade. – ***Ainda mais um maluco como ele.*** Sabe a última mania dele? Ensinar um porco a ler! (19:Fic:Br:Cony:Piano)

NI: (-id, +s R₁; maluco como ele (R₁)_{ConSel})

(27) Continuem procurando. Se esse cara sumir, vamos ser ridicularizados, ele esteve em nossas mãos. Desaparecer em seguida ao assassinato da mãe de Rose era muita coincidência, ***ainda mais quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino.”*** (19:Fic:Br:Novaes:Mao)

NI: (C₁; quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino” (C₁)_{ConSel})

Em (26), o escopo de *ainda mais* recai sobre o Subato Referencial *um maluco como ele*, restringindo, de certa forma, a abrangência referencial do Subato Referencial *todo mundo*, que compõe o Conteúdo Comunicado do Ato anteriormente expresso. Já em (27), *ainda mais* escopa a oração temporal *quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino”*, que corresponde a um Conteúdo Comunicado no Nível Interpessoal e que, de certa maneira, precisa informações próprias do Conteúdo Comunicativo anteriormente expresso, no caso de *desaparecer em seguida ao assassinato da mãe de Rose era muita coincidência*. Observa-se, desse modo, como *ainda mais* vincula, pragmaticamente, unidades próprias do Nível Interpessoal; trata-se, portanto, de um marcador de *função pragmática*.

No âmbito da focalização, *ainda mais* imprime, ao enunciado em que ocorre, um significado escalar absoluto, materializando uma operação de seleção de informação mais precisa a ser adicionada à informação pragmática do ouvinte. Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem três tipos de funções pragmáticas no Nível Interpessoal: (i) Tópico (atribuída ao Subato que assinala o modo como o Conteúdo Comunicado se relaciona ao registro construído gradualmente no Componente Contextual), (ii) Foco (que assinala a seleção estratégica operada pelo falante de informação nova para preencher uma lacuna na informação pragmática do ouvinte ou para corrigir uma informação do ouvinte) e (iii) Contraste (que assinala o desejo do falante em contrastar as diferenças entre Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis contextualmente).

Ao vincular unidades interpessoais e operar uma seleção de informação, restringindo ou precisando informações disponíveis no co(n)texto, entende-se que *ainda mais* assinala certa diferença entre as unidades interpessoais por ele articuladas, o que permite caracterizar tal forma como marcador de função pragmática Contraste. Pezatti

(31) Para espanto da família o emissário jamais tocou no assunto dote, comércio fundamental para a concretização de qualquer casamento, ***ainda mais sendo o consorte um banqueiro endinheirado e afobado***. O homem parecia também não entender do que tradicionalmente se supunha ser o enxoval de uma donzela. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra)

NI: (C₁: sendo o consorte um banqueiro endinheirado e afobado (C₁)
SelCont)

NM: (El: [(Gw: *ainda_mais*_{Part} (Gw)) (Cl: sendo o consorte um banqueiro endinheirado e afobado (Cl))] (El))

Nas ocorrências em (28), (29) e (30), *ainda mais* atribui a função pragmática Contraste Seletivo (SelCont) a núcleos do Conteúdo Comunicado, isto é, a Subatos: em (28), *ainda mais* escopa o Subato Referencial (R) *um poderoso como o papa*, assinalando a seleção desse referente específico frente ao conjunto de referentes possíveis evocado pelo Subato *confidente*, anteriormente expresso; em (29), o escopo de *ainda mais* também recai sobre um Subato Referencial (R), no caso *dinheiro no bolso*, que especifica a circunstância que mais afeta o fato de *não ter dificuldades para arranjar mulher nesses lugares*; em (30), por fim, ao escopar o Subato Atributivo (T) *abandonada*, *ainda mais* restringe a abrangência referencial de um Subato anteriormente expresso, no caso *criança*.

Em (31), por outro lado, o escopo de *ainda mais* recai sobre todo o Conteúdo Comunicado (C) que, naquele ato, deseja-se evocar: o fato de *o consorte ser um banqueiro endinheirado e afobado* é apresentado, pelo falante, como circunstância que mais pode justificar o espanto da família por o emissário jamais tocar no assunto dote. Assim, diferente de (28), (29) e (30), casos em que *ainda mais* se aplica a elementos acionais específicos e singulares dentro do que o falante comunica ao ouvinte (Subatos), em (31), o Contraste Seletivo veiculado por *ainda mais* toma a totalidade do que o falante deseja evocar em sua interação com o ouvinte (Conteúdo Comunicado).

No Nível Morfossintático, *ainda mais* é codificado, por seu alto grau de fixação, como uma única Palavra, no caso uma Palavra Gramatical (Gw), especificamente como Partícula (Part). A depender de seu escopo no Nível Interpessoal, seu domínio de codificação pode ser o Sintagma (cf. (28), (29) e (30)) ou a Expressão Linguística (cf. (31)): (i) quando seu escopo é o Subato Referencial, *ainda mais* antecede um Sintagma Nominal (Np; cf. (28)) ou um Sintagma Adverbial (Advp; cf. (29)); (ii) já quando seu escopo é o Subato Atributivo, *ainda mais* antecede o Sintagma Adjetival (Adjp; cf. (30)); (iii) por fim, quando seu escopo é o Conteúdo Comunicado, *ainda mais* antecede uma Oração (Cl; cf. (31)).

Em termos de ordenação, *ainda mais*, enquanto função (pragmática) no Nível Interpessoal e, portanto, um constituinte hierarquicamente superior, ocupa uma posição fixa, especificamente a posição inicial (P^I) do Sintagma que integra (cf. (28), (29), (30)) ou a posição anterior à Oração (cf. (31)), no caso P^{Pré}.

Considerações finais

Frente ao objetivo mais central deste artigo, o de oferecer uma análise, pautada nos princípios da GDF, de propriedades funcionais e formais subjacentes ao uso de *ainda mais*, é importante destacar:

- (i) *ainda mais* constitui uma partícula escalar absoluta, conforme propõe Schwenter (2000);
- (ii) *ainda mais* é uma forma fixa do português (com alto grau de idiomatização semântico-pragmático e reanálise de fronteiras morfossintáticas), com estatuto gramatical (marcado pela fixação de sua ordem e pelo baixo grau de autonomia);
- (iii) no âmbito do modelo da GDF, trata-se, a partir dessas propriedades mapeadas, de um primitivo gramatical do Nível Interpessoal – função pragmática Contraste Seletivo – com escopo sobre Subatos ou sobre o Conteúdo Comunicado, codificado, no Nível Morfossintático, como Partícula Gramatical nos domínios do Sintagma, ocupando sua posição inicial (P^I), ou da Expressão Linguística, ocupando a posição anterior à Oração (P^{Pré}).

REFERÊNCIAS

- BAAR, T. van. Particles. In: DEVRIENDT, B.; GOOSSENS, L.; AUWERA, J. *Complex Structures: A Functionalist Perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 259-300.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CARBALLO, M. A. C. El concepto de unidad fraseológica. *Revista de lexicografía*, n. 4, p. 67-80, 1998.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 millionwords, 1300s-1900s*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 10 jan. 2019.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FONTES, M. G. *A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016.

HANNAY, M.; HENGEVELD, K. Functional Discourse Grammar: Pragmatic aspects. In: BRISARD, F.; ÖSTMAN, J.-O.; VERSCHUEREN, J. (ed.). *Grammar, meaning and pragmatics*. Amsterdam: Benjamins, 2009. p. 91-116.

HENGEVELD, K. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, N. de los A. (ed.). *A new architecture for Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 365-378.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Tradução Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-82.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. v. 2. 4. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 181-198.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KEIZER, E. The *X is (is)* construction: an FDG account. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.

KÖNIG, E. *The Meaning of Focus Particles*. Routledge: London, 1991.

PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SCHWENTER, S. A. Lo relativo y lo absoluto de las partículas escalares *incluso* y *hasta*. *Oralia*, n. 3, p. 169-197, 2000.